

diferentes campos de investigação e as dificuldades metodológicas sentidas em cada um deles.

*Eunice Ribeiro Durham*

*Demographic Yearbook 1959*. Eleventh issue. IX + 719 págs. Statistical Office of the United Nations. Department of Economic and Social Affairs. United Nations. Nova Iorque, 1959. (Distribuidora: Columbia University Press, Nova Iorque).

O Anuário Estatístico das Nações Unidas para 1959, o décimo primeiro da série, inclui, como os anteriores, duas séries de informações.

A primeira, como sempre, contém dados gerais sobre a população dos diferentes países: área, população, crescimento da população, distribuição por sexo e idade, natalidade e mortalidade, nupcialidade e divórcio, expectativas de vida, além das estatísticas de movimentos de população.

A segunda, que varia de ano para ano, foi dedicada, neste número, às estatísticas de natalidade e fertilidade, cobrindo a última década. Classificam-se os nascidos vivos por sexo, legitimidade, idade da mãe, idade do pai, ordem de nascimento e duração do matrimônio e seguem-se dados sobre abortos segundo o período de gestação, legitimidade, idade da mãe e ordem de nascimento. As fontes são, evidentemente, estatísticas oficiais. Os dados considerados duvidosos vêm apresentados em itálico, mas não há informações precisas sobre a acuracidade das estatísticas oficiais dos diferentes países. Extremamente conspícua através de todo o volume é a escassez de dados sobre o Brasil, que não está entre os 55 países para os quais a existência de elementos relativamente completos permite a comparação gráfica das principais tendências de natalidade, fertilidade e crescimento da população. Em situação melhor estão outros países latino-americanos, tais como a Guatemala, o Salvador, o México, a Venezuela, a Costa Rica, o Chile, a Argentina e o Uruguai. Mesmo nos estudos gerais de população, os dados referentes ao Brasil aparecem comumente em itálico, o que denota validade discutível, situação pouco animadora para os estudiosos que se interessam por problemas brasileiros.

Quanto à utilidade geral da obra como instrumento de trabalho para especialistas dos diferentes campos da Sociologia e da Antropologia, é excusado encarecê-la, dada a riqueza de informações que proporciona e o cuidado técnico da elaboração das numerosas tabelas.

*Eunice Ribeiro Durham*

RAFAEL GIRARD: *Indios selváticos de la Amazonía Peruana*. 356 págs., com 207 fotografias, 100 figuras e 2 mapas. Libro Mex. Editores. México, 1958.

Este livro, embora não seja totalmente de cunho científico, é uma tentativa de harmonizar a descrição do viajante com o registro de elementos etnográficos de diversos grupos tribais da Amazônia peruana. Dados etnográficos esses que o autor recolheu *in loco*, visitando as tribos Yágua, Huitoto, Bora, Orejones, Omágua, Cocama, Shipibo e Iquito (esta última em fase de extinção); indiretamente obteve referência sobre os Cashibo, Cashinahua, Conibo e Shapra.

A obra se divide em 3 partes; a primeira trata de "grupos indígenas do alto Amazonas", focalizando diversos aspectos da cultura dos Yágua, Huitoto, Bora, Ocai-



na, Orejones, Omágua, Cocama e Shapra. Muitos desses grupos se acham em franca mudança cultural, embora este aspecto não tenha sido o alvo da análise etnológica. Na segunda parte, "Grupos da família Pano", apresentam-se dados relativos aos Kashinahua obtidos no centro de operações do Instituto Lingüístico de Verano, no Yarinacocha, por meio de entrevistas com o chefe, e o irmão deste, do grupo dos Kashinahua do rio Curanga e do Meniche. Também os dados sobre os Kashibo, obteve-as o Autor entrevistando no mesmo Centro a um índio Kashibo chamado Shooraniogri. Seguem-se, ainda na segunda parte, informes colhidos numa visita aos Shipibo das imediações do Yarinacocha, grupo tribal também estudado num rápido "survey" em 1952, pelo resenhista, e em 1954 por Karsten ("Los Indios Shipibos del Rio Ucayali", *Rev. del Museo Nacional*, Lima, t. XXIV, pgs. 159-160). Os Shipibo de Yarinacocha têm se tornado ponto de visita obrigatório para todo etnólogo, etnógrafo ou amador de antropologia, e não tardarão em constituir lugar turístico para os viajantes que penetrem pelo Ucayali até Pucallpa.

A terceira parte da obra é um "estudo comparativo das culturas amazônicas e suas vinculações históricas com outras culturas", tentativa etnológica em que o Autor, estabelecendo várias generalizações, procura esclarecer variados e "fascinantes" problemas da etno-história da região amazônica peruana. Assim, generalizando, classifica as diversas culturas em três categorias sobre a base de certa similitude de traços culturais e distingue grupos de cultura relativamente avançada, grupos de cultura baixa e grupos intermediários. No primeiro coloca os Conibo e os Shipibo. Ao segundo pertenceriam os Yágua, Orejones, Iquito e grupos culturalmente similares e ao terceiro, intermediário, os grupos Tupi (Omágua, Cocama, Cocamilla). É uma classificação arbitrária, passível de discussão tanto no que se refere aos traços culturais, quanto à limitação de dados de que o Autor dispunha para construir o paradigma. É preciso ponderar que em seus contactos com tribos da Amazônia peruana não conheceu as tribos Arawak, nem outras culturas correspondentes a grupos lingüisticamente isolados.

Passível de crítica é também o emprêgo do termo "cultura Chama" para caracterizar a cultura dos Conibo e Shipibo; com esse termo os neoperuanos designam o silvícola, sem conotação específica. No mesmo erro, aliás, incidiu Tessmann em sua obra *Die Indianer Nordost-Perus* (1933).

Finalmente, se quiséssemos comparar o livro com os de outros autores que procuram conciliar a apresentação de dados etnográficos com a crônica do pesquisador, como o de Francis Huxley e o de Franz Caspar, deveríamos acusar um desnível bastante grande. O volume de Girard, escrito em linguagem tão comunicativa, pode ser indicado como crônica de viagem, como um convite para reviver as experiências do Autor. A contribuição científica é limitada pelas expressões valorativas ou de índole subjetiva, o que decorre, de certo modo, do impacto produzido pelas coisas observadas na sensibilidade do Autor, como quando diz: "mi investigación etnográfica la empecé con los Yaguas, uno de los grupos indígenas más espectaculares" (pág. 21), ou "al dar un vistazo al lugar destinado a la cocina, llama la atención la pobreza y ausencia de un verdadero fogón" (pág. 24). Naturalmente não queremos depreciar a obra citando expressões que traem atitude subjetiva ou etnocêntrica do Autor. Certo é, porém, que teria dado maior consistência a seu trabalho se tivesse descrito apenas o que observou, já que méritos para isso tem de sobra, e bem qualificados.

Não se pode negar o esforço dispendido na coleta de dados para cada um dos grupos visitados, mas é que a curta permanência nas várias tribos não permitiu elaboração homogênea. De qualquer maneira, o livro, se não representa contribuição



científica no campo da Antropologia, é sem dúvida valioso estímulo à pesquisa, pois motiva grande interesse pelo estudo da cultura dos diversos grupos tribais amazônicos.

*Alfonso Trujillo Ferrari*

MIGUEL LAYRISSE e JOHANNES WILBERT: *El Antígeno del Sistema Sanguíneo Diego*. 160 págs., tabelas e ilustrações no texto e 1 mapa fora do texto. Fundación Creole y Fundación Eugenio Mendoza. Editorial Sucre. Caracas, 1960.

Da trajetória da imuno-hematologia a partir da descoberta do sistema sangüíneo ABO por Landsteiner, em 1900, até hoje, bem como das possibilidades reais contra as expectativas excessivamente otimistas com que alguns antropólogos físicos viram neste ramo da Biologia um substituto eventual, ou mesmo necessário, da Antropometria, desde que, em 1914, Hirszfild e Hirszfild demonstraram as variações dos grupos sangüíneos em populações de origem diferente, tratam os AA. à guisa de introdução e de esclarecimento da posição que assumem nesta colaboração genético-antropológica.

Embora o presente trabalho tenha por objetivo a apresentação do antígeno Diego e das perspectivas que se abrem à sua utilização como elemento da determinação de relações genéticas entre populações, os AA. aproveitam o assunto para fazer dêle uma introdução didática de noções básicas de genética, dos vários sistemas sangüíneos até hoje identificados e bem estabelecidos, sua hereditariedade e distribuição, e terminam apresentando a classificação racial que W. C. Boyd elaborou em 1956, com base nos sistemas ABO, MNSs, Rh e Duffy. A esta classificação, bem como a outras estabelecidas em bases mais "tradicionais" recorrem os AA. com freqüência, considerando os grupos sangüíneos como meros *colaboradores* na classificação da espécie humana e reconhecendo a impossibilidade de chegar-se simplesmente por critérios serológicos, sem outros recursos da Antropologia Física, a uma caracterização racial (p. 66). Levando ainda mais longe a colaboração do antropólogo (Wilbert) com o serologista (Layrisse), apelam para os aspectos sócio-culturais que possam ter significação no diagnóstico de parentesco entre populações, "utilizando os traços culturais das tribos estudadas não somente na identificação de cada tribo, como também para procurar entender, até onde possível, as variações dêste antígeno (Diego)" (p. 86).

O referido antígeno, cuja descoberta teve como ponto de partida a aparição de uma doença hemolítica do recém-nascido no terceiro filho de um casal venezuelano, foi mencionado pela primeira vez, em 1954, numa publicação na qual Levine, Koch, McGee e Hill passavam em revista os grupos sangüíneos pouco freqüentes, apontando entre êles um novo antígeno eritrocitário denominado "Diego" ("Rare human isoagglutinins and their identification", *Amer. J. Clin. Path.*, 24: 292). Considerado de início como antígeno privado por estar ausente em 200 pessoas da população de New Jersey, verificou-se depois, quando foram examinados índios sul-americanos, que êstes eram portadores dêle numa freqüência de até 46%.

Na Venezuela, os estudos a seu respeito datam da publicação do trabalho de Layrisse, Arends e R. D. Sisco "Nuevo grupo sangüíneo encontrado en descendientes de índios", *Acta Med.*, Venez., 3: 132 (1955), e de então para cá são inúmeros os trabalhos dêsses autores, aos quais se junta a colaboração de Wilbert.

Os AA. passam em revista os estudos de genética relativos a êle e levados a cabo até o momento da publicação, comentando, separadamente, seu histórico, características serológicas, nomenclatura, hereditariedade, independência dos sistemas de grupos sangüíneos bem estabelecidos, dos fatores "privados" ou "familiares" e, finalmente, dos antígenos públicos.